

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

PEDRO FERNANDES MACHADO

Da cidade grande para Alto Paraíso de Goiás: um estudo qualitativo sobre
processos migratórios recentes

UBERLÂNDIA-MG

2020

PEDRO FERNANDES MACHADO

Da cidade grande para Alto Paraíso de Goiás: um estudo qualitativo sobre
processos migratórios recentes

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências
Sociais da Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial à obtenção do título de
bacharel e licenciatura em Ciências Sociais.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Claudia Wolff Swatowski.

UBERLÂNDIA-MG

2020

PEDRO FERNANDES MACHADO

Da cidade grande para Alto Paraíso de Goiás: um estudo qualitativo sobre processos migratórios recentes

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do título de bacharel e licenciatura em Ciências Sociais.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Claudia Wolff Swatowiski.

_____ de _____ de _____

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Claudia Wolff Swatowiski
(Orientadora – UFU)

Prof.^o Dr.^o Luciano Senna
(Examinador – UFU)

Prof.^a Dr.^a Claudelir Correa Clemente
(Examinadora – UFU)

Dedico este trabalho a todos que me apoiaram e acreditaram em mim, sem vocês ele não seria possível.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar a migração realizada por algumas pessoas que saíram de grandes cidades em direção à Alto Paraíso de Goiás, pequena cidade turística localizada na Chapada dos Veadeiros. Com o propósito de compreender esse fenômeno, foram realizadas entrevistas com sete moradores locais que realizaram este movimento. Esta monografia começa apresentando, em uma perspectiva diacrônica, as dinâmicas sociais da cidade de Alto Paraíso, e incorporando a visão que os moradores e turistas têm sobre ela. Em seguida, aborda as motivações que levaram os interlocutores a colocarem a mudança para Alto Paraíso em seus projetos de vida, além de expor as condições para tal dentro dos campos de possibilidades apresentados por eles. Posteriormente, investiga os impactos dessa decisão em suas trajetórias. Para este fim, utiliza uma bibliografia sobre história de vida, memória, projeto e campo de possibilidades. Concluiu-se, portanto, que os entrevistados demonstraram uma motivação em comum, a vontade de mudar o modo de vida que tinham nas cidades grandes que moravam anteriormente.

Palavras-chave: História de Vida. Chapada dos Veadeiros. Migração. Campo de Possibilidades.

ABSTRACT

This study aims to analyze the migration realized by some people who left big cities towards Alto Paraíso de Goiás, a small tourist city situated in Chapada dos Veadeiros. With the purpose to comprehend this phenomenon, were fulfilled interviews with seven local citizens who done this movement. This monography begins presenting, in a diachronic perspective, the social dynamics of the Alto Paraíso city, and incorporating the vision of the residents and the tourists about it. Subsequently, approach the motivations which leads the interviewed to settle the moving to Alto Paraíso in their life projects, besides exposing the conditions to it inside the field of possibilities presented by them. Thereafter, investigate the impacts of this decision in their trajectory. For this end, utilize a bibliography about life story, memory, project and field of possibilities. In conclusion, the interviewed demonstrated a motivation in common, the will to change the lifestyle they had in the big cities which they lived before.

Key-words: Life Story. Chapada dos Veadeiros. Migration. Field of Possibilities.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. APRESENTAÇÃO DE ALTO PARAÍSO.....	11
2.1. Chegando em Alto Paraíso	15
2.2. A busca por interlocutores.....	16
3. DA CIDADE GRANDE PARA ALTO PARAÍSO DE GOIÁS	27
3.1 Motivações	30
3.2 Como vivem hoje em Alto Paraíso	32
3.3 Inserção em Alto Paraíso.....	36
4. CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS	43

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da minha graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), tive contato com diversos temas e experiências, desde aulas rotineiras, até congressos, para os quais tive que viajar para outras cidades. A princípio criei um vínculo maior com o tema da religiosidade, especialmente por causa da professora Cláudia. Li vários autores e textos diferentes, nas aulas e posteriormente em um grupo de estudos do qual participamos. O que me chamou atenção no começo foi o uso do Daime e o ritual ao seu entorno, e a partir disso desenvolvi o interesse em estudá-lo.

Pouco tempo depois, viajei para a Chapada dos Veadeiros para visitar alguns familiares que moram em Cavalcante. Na minha estadia, comentei do meu interesse pelo Daime com minha tia, que mencionou que ela e minha prima frequentavam um local que realizava essa prática. Fui convidado a participar um dia para conhecer de perto o ritual. Fiz parte e gostei da experiência, voltei para Uberlândia decidido a tê-lo como tema de pesquisa para a monografia.

Apresentei a ideia para a Cláudia. Na época, estávamos no grupo de estudos sobre religiões, ela me acolheu e se mostrou disposta a me orientar. Porém, como eu ainda estava no quarto período, estava amadurecendo a ideia de produzir uma monografia, me deixando livre para pensar em outros temas.

Um ano depois, voltei na chapada, dessa vez em Alto Paraíso, com duas amigas do curso. Ficamos em um camping durante poucos dias, frequentamos cachoeiras, o museu da cidade, algumas lojas e restaurantes por perto. Nessa estadia, conhecemos e conversamos com várias pessoas, dentre elas o dono do camping no qual estávamos. Ele morava anteriormente em São Paulo, nos contou um pouco sobre essa mudança para Alto Paraíso e como estava gostando de viver ali.

Naquele momento, ou talvez um pouco depois quando relembrei a conversa, tive uma epifania sobre como eu gostaria de escutar mais histórias como a dele. Como será sair de uma capital enorme como São Paulo e ir morar em uma cidade poucos habitantes como Alto Paraíso? Por ainda não ter começado de fato a estudar o Daime, só tinha lido poucos artigos, e ter me interessado muito mais por essa nova

descoberta, resolvi trocar meu tema da monografia. Novamente conversei com a Cláudia, que prontamente se dispôs a me acompanhar nessa mudança.

Comecei então a pensar sobre o assunto. Coincidentemente na mesma época tive algumas aulas de Antropologia das Sociedades Complexas, que me fizeram aumentar o interesse no tema que havia pensado. Eu já cogitava estudar o tema realizando entrevistas, como eu citei acima, minha vontade era de escutar mais pessoas, por mais tempo. A partir daí, nas minhas reuniões com a Cláudia, começamos a pensar em como eu poderia realizar um trabalho de campo que englobasse tudo isso.

Chegamos à conclusão de que realizar entrevistas, incluir momentos de observação participante, e buscar histórias de vida era o melhor caminho. Pois, como escreveu Paulilo:

Através dela [história de vida], consegue-se penetrar nas intenções e motivos, a partir dos quais ações e relações adquirem sentido. Sua utilização é, portanto, indispensável quando os temas pesquisados demandam um estudo fundamentalmente interpretativo. (PAULILO, 1999, p.136)

Com as histórias de vida, eu faria uma análise qualitativa, pensando na relação entre trajetórias individuais e contextos sociais.

Utilizando-me de textos de Gilberto Velho (1994) sobre trajetórias e campos de possibilidade, Michael Pollak (1992) sobre a construção da memória, e Suely Kofes (2007), Antoinette Errante (2000) e Maria Angela Paulilo (1999) sobre histórias de vida, elaborei, com o auxílio da Cláudia, um perfil que iria procurar dentre as pessoas que moravam em Alto Paraíso. Além de alguns tópicos que achei interessantes para abordar nas entrevistas e moldar minha pesquisa sobre a trajetória dessas pessoas.

Foi um longo processo até decidir de fato começar a pesquisa de campo. Por nunca ter feito nada parecido, sentia insegurança e medo do desconhecido. Entretanto, após algumas reuniões com minha orientadora, me surgiu um grande ímpeto em começar, comprei minha passagem, escolhi um local para passar minha estadia e marquei a data.

Apesar da data marcada, dia 4 de Agosto de 2019, ainda me sobravam alguns meses até a minha ida de fato. Nesse tempo assisti diversas entrevistas disponíveis

na internet, focando na forma que as perguntas eram feitas, em como deixar o interlocutor a vontade e outros métodos de entrevista que podia extrair daqueles materiais. Também li sobre a observação participante, métodos de pesquisa de campo e modos que o antropólogo se portava no ambiente de estudo (Malinowski, 1997; Geertz, 1998; Roy Wagner, 2018; Radcliffe Brown e Evans Pritchard, 1973; Lévi-Strauss; 2015)

Juntamente com as experiências e conhecimentos adquiridos ao longo do curso, principalmente na área da antropologia, me abarrotei de possíveis ferramentas para realizar minha pesquisa e parti para Alto Paraíso com essa vontade de estudar as pessoas que tinham ido morar lá. Meu objetivo, com essa pesquisa, é conhecer as motivações de pessoas que decidiram sair de cidades grandes para morar na pequena Alto Paraíso. Ao mesmo tempo, é necessário pensar nas condições de possibilidade para essa mudança, nas transformações no estilo de vida dessas pessoas e nas dinâmicas sociais da própria cidade de Alto Paraíso.

Relatarei mais detalhes da minha estadia, dificuldades e descobertas ao longo do segundo capítulo desse trabalho. Nesse momento, ressaltarei a complexidade de análise das sete entrevistas feitas e gravadas. Comecei por escutá-las novamente, tentando me lembrar da expressão facial e fatores externos que não apareceram no áudio, com a finalidade de transcrever as conversas da maneira mais fiel que podia.

Por nunca ter feito tal tipo de trabalho de campo, me prolonguei muito nessa etapa. Foi um trabalho exaustivo, diversas horas escutando repetidamente as gravações e com velocidade reduzida, mas no fim consegui transcrever tudo o que conversamos. Hoje, olhando as análises feitas e dificuldades do percurso, sinto que a experiência me abriu diversas novas visões sobre transcrições.

Além de ter descoberto programas que fazem esse trabalho, com qualidade duvidosa, mas que tornam o processo mais rápido, para as próximas ocasiões já me sinto mais apto a transcrever somente aquilo que se encaixa nos meus objetivos. Entendi também que consultar a transcrição é mais fácil, entretanto deixar uma informação específica para consulta em áudio me economizaria tempo, esforço e tornaria o trabalho mais dinâmico.

Quando lemos livros de autores renomados da antropologia, a impressão que a distância causa é a da total impossibilidade de fazer o mesmo. Mas esse trabalho

de campo me proporcionou diversas novas experiências e aprendizados, dentre eles, a certeza de que realização um trabalho de campo é completamente possível. Com o tempo posso melhorar o método de entrevista, gravação da mesma, análise dos dados e a escrita posterior. Mas ser palpável e estar dentro do meu campo de possibilidades, expandiu para mim um novo horizonte.

Ainda no segundo capítulo, o leitor encontrará uma breve apresentação da cidade de Alto Paraíso, contexto em que meus interlocutores passaram a se inserir ao se mudarem para a cidade. Esta apresentação também será importante para compreender algumas passagens do terceiro capítulo, no qual me debruço sobre as entrevistas propriamente ditas, apresentando as motivações para a mudança de meus entrevistados para a chapada, e as avaliações que eles fazem sobre tal mudança e sobre a vida que levam em Alto Paraíso.

2. APRESENTAÇÃO DE ALTO PARAÍSO

O local onde hoje se encontra Alto Paraíso era formada primeiramente por tribos indígenas como os Caiapós, Xavantes e os Guayazes. Com a chegada dos bandeirantes e o ciclo da mineração trazido por eles em 1740, foi formada a cidade de Cavalcante. Na época, uma fazenda da área colonizada era chamada de Veadeiros, devida à grande concentração de veados em seu território. Essa fazenda, juntamente com mais outras estabelecidas por outros bandeirantes, deram início aos primeiros núcleos de povoados que se formaram na região.¹

A colonização da região trouxe o cultivo de frutas, do milho, do café, do trigo e a pecuária. Com o passar de setenta anos, a fazenda Veadeiros se tornou uma potente exportadora no cenário internacional, com seu trigo que ganhava prêmios em Chicago e atingindo recordes de produção. Porém, ao decorrer do tempo, a extenuante exploração do ouro esgotou a abundância das minas e como os bandeirantes que vieram para explorar o ouro eram os mesmos que comandavam as lavouras, assim que as minas foram se esvaindo e conseqüentemente sendo abandonadas, as lavouras tiveram o mesmo fim.

Em meados de 1950, o movimento esperantista – movimento que se move por um ideal de compreensão e colaboração entre seres humanos, através da divulgação do Esperanto² – instituiu uma Fazenda Escola na região, e poucos anos depois uma organização Kardecista introduziu outra. É entendido que o movimento esperantista foi o precursor do turismo místico na cidade de Veadeiros, uma vez que expandiu a diversidade cultural e proporcionou um local para pessoas que buscavam a espiritualidade, resultando em uma proposta de harmonia entre diferentes crenças e natureza.

A emancipação da cidade ocorreu somente em 1953 com alianças políticas que desmembraram Veadeiros de Cavalcante. Veadeiros se tornou Alto Paraíso de Goiás após um vereador propor uma alusão ao nome de sua fazenda. Somente em 1981, surgiram investimentos na cidade buscando o crescimento do turismo, com um Plano

¹ Disponível em: <<https://www.altoparaiso.go.gov.br/>>. Acesso em 1 dez 2020.

² Disponível em: <<https://www.esperanto.com.br/bona-espero>>. Acesso em 1 dez 2020.

de Desenvolvimento que trouxe a rodovia e a construção de um aeroporto. As obras pararam com a morte do encabeçador do projeto, Ary Ribeiro Valadão Filho, e não tiveram volta desde então.

Após a antiga Veadeiros, atual Alto Paraíso, ter ficado de fora do Distrito Federal no governo de Juscelino Kubstcheck, foi pedido ao governo a criação do Parque Nacional do Tocantins, que foi atendido e realizado em 1961, cobrindo todo o território da chapada. Com o decorrer do tempo, essa área foi diminuindo até chegar em seu tamanho atual de 10% do criado inicialmente. Estabeleceram-se, então, regras com o intuito de preservar o Parque, como a obrigatoriedade de guias – exigência que desencadeou na criação da primeira associação de guias do parque – a fiscalização da área e proibição de camping dentro do mesmo.

Na contemporaneidade, Alto Paraíso é uma cidade conhecida principalmente pelos seus lugares turísticos, possuindo mais de 120 cachoeiras catalogadas ao seu redor, além de várias a serem descobertas e exploradas, e um local geográfico considerado pelos esotéricos como um local de grande concentração de energia mística, atraindo diversas pessoas que buscam algum contato com a natureza ou com o aspecto místico do local. Além da formação das Fazenda Escolas citada acima, a cidade encontra-se em cima do Paralelo 14 (Feitosa, 2017), uma linha imaginária que corta Machu Picchu e traz consigo diversas teorias e misticismos, e também possui uma grande quantidade de quartzo branco sob seu território, fato que também é cercado por misticismos e que atrai crentes de uma energia sobrenatural.

Com seus poucos habitantes e vasto território protegido por leis ambientais, a densidade demográfica da cidade analisada pelo IBGE em 2010 é de apenas 2,65 habitantes por quilômetro quadrado. Devido à essa abundância de território e poucos moradores que o ocupam, é conhecida no meio turístico como lugar de paz e vivências de bem-estar para quem quer apenas descansar.³

A formação da cidade de Alto Paraíso se assemelha com o processo de formação de várias outras cidades que se conhece no Brasil: uma população indígena e negra que foi perdendo seu espaço para os colonizadores, que, por sua vez, buscavam explorar o local para o seu próprio benefício (OLIVEIRA, 1993). Quando os

³ Disponível em: <<https://www.guiaaltoparaíso.com.br/post/alto-para%C3%Adso-o-lugar-perfeito-para-o-turismo-de-reconex%C3%A3o>>. Acesso em 04 dez 2020.

recursos naturais valorizados à época se esgotaram, ou quase isso, foram embora a procura de outras fontes de lucro, e o povoado, formado por trabalhadores e escravos, permaneceu no local. Por consequência, essas pessoas tiveram que encontrar um meio de se manter sem o trabalho que os levou até lá. Pela história contada, a forma que encontraram foi o turismo, considerando que o Parque Nacional foi criado alguns anos após a formação do Distrito Federal.⁴

Entretanto, essa criação, semelhante ao que ocorreu em outras cidades brasileiras como Ouro Preto e Diamantina (Barbosa, 2004), trouxe os mesmos problemas sociais: a desigualdade social gerada pela falta de trabalho, formação, e preparo da população local. De acordo com dados do IBGE, atualmente o salário médio dos trabalhadores da região é de 1,7 salário mínimo, mas 35% da população possui renda per capita de até meio salário. Apesar de 98% de seus moradores de 6 a 14 anos estarem nas escolas, a educação para por aí. Após o ensino médio a cidade não tem escolas e faculdades para trazer métodos “formais” de conhecimento para os jovens.

Na última pesquisa feita pelo IBGE em 2018, 21% da população estava empregada. Nesse panorama de carência de métodos geradores de profissionais capacitados, juntamente com um mercado de trabalho diminuto encontrado em uma cidade pequena, a notoriedade de quem tem condições financeiras se mostra nas pessoas que administram os locais de atendimento aos turistas, como donos de pousadas e restaurantes, por exemplo.

Conseqüentemente, nota-se mais um problema: quem tem capital para investir na área não é a população que habita a região há décadas ou séculos e foram deixadas sem trabalho pelos colonizadores na região. Com a chegada dessas pessoas que possuíam capital para investir nesse mercado turístico, os mesmos começaram a comprar locais para se estabelecerem no centro de Alto Paraíso, formando uma área turística no local e colocando os nativos da cidade à margem da mesma. Atualmente, a entrada da cidade (pela rodovia construída pelo Plano de Desenvolvimento em 1981) leva diretamente a esse centro turístico, repleto de lojas, restaurantes e estabelecimentos voltados para o recebimento do turista.

⁴ Disponível em: <<https://www.altoparaiso.go.gov.br/>>. Acesso em 1 dez 2020.

Observando o centro da cidade dessa forma, fica explícito o foco dos comerciantes da região no público turístico, o que acarreta algumas situações que não são condizentes com as necessidades e os rendimentos dos “nativos”, forma como os meus entrevistados se referiram aos moradores antigos da cidade. Ao ter esse enfoque no lado turístico das vendas, oferece-se produtos de interesse dos mesmos, o que por sua vez trazem preços inacessíveis para aqueles que têm uma renda próxima a um salário mínimo, como apresentada anteriormente.

As lojas de roupas são voltadas para um público que está de férias, a passeio. Vendem roupas coloridas, de tecidos leves, estampas bonitas e chamativas, mais largas e confortáveis, visam atingir o gosto dessas pessoas que buscam relaxar naquele momento de descanso. Os estabelecimentos voltados para a área culinária tentam cativar o mesmo público com pratos à la carte bonitos e opções diversas, com preços elevados, ou vão na contramão e oferecem um self-service mais acessível pro turista que quer economizar um pouco na alimentação.

Esse mesmo centro é repleto de pousadas, que em sua maioria, conforme a distância dele aumenta, vão diminuindo de preço, conforto e qualidade, até chegar nos campings, que seguem a mesma lógica da distância. Esses locais de hospedagem, juntamente com os de venda ao turista, tomaram o centro para si, colocaram seus preços e sua lógica de mercado visando o turista e não os habitantes da cidade.

A consequência de tudo isso é diretamente aplicada nos moradores locais. Se o centro foi dominado pela lógica turística, vão para o bairro ao lado, se esse também for, vão para o outro, até que vão parar nas periferias da cidade, bem distantes do turista e do comércio criado para atendê-lo. Hoje é muito difícil encontrar, e talvez nem exista, algum morador nativo da cidade que habita essa área. Claro que passam por ali, trabalham e até mesmo frequentam alguns estabelecimentos da região, mas o seu local de moradia já foi colocado bem distante dali.

Isso é algo que se verifica na construção de várias cidades⁵, o centro cresce e as pessoas que ali moravam são levadas a morar cada vez mais longe desse crescimento, em sua maioria por uma questão financeira. Por mais que a casa seja

⁵ Ver, por exemplo, Maia (2010).

própria, não havendo gasto com aluguel, a vida que ele pode levar não condiz com a realidade que se encontra ao seu redor, pode-se ver como opção do morador sair dali e procurar um local que englobe seu salário e seu gasto mensal, mas a realidade que aparenta é de que não houve outra escolha além desse distanciamento do seu antigo local de moradia.

Foi nesta cidade e neste contexto que realizei minha pesquisa de campo. Com o objetivo de conversar com pessoas que saíram de grandes cidades para morar em Alto Paraíso, conhecer suas motivações para tal mudança e visão de mundo, organizei minha viagem e parti de Uberlândia para a chapada. Passo agora, a descrever minha aproximação com o campo e meus interlocutores, e as relações que estabeleci com eles.

2.1. Chegando em Alto Paraíso

Quando marquei minha viagem para ir fazer as entrevistas em Alto Paraíso, pensei no que eu iria precisar levar e utilizar por lá, material de trabalho e coisas que me ajudariam a manter nos dias da minha estadia. Acostumado com camping, lembrei dos que já havia visitado lá e em outros lugares, e acabei percebendo que a lógica campista não iria englobar as necessidades que eu havia imaginado que teria.

Um computador e seus acessórios, um celular e carregadores de parede e um portátil, cadernos, canetas e lapiseiras, isso era o mínimo que me enxergava usando para realizar uma boa coleta de dados e a segurança dos mesmos. Olhando para trás com mais preparo, vejo que poderia ter sido somente meu celular como gravador e meu caderno como plano secundário, mas o medo causado pela falta de experiência me fez precisar de muito mais que isso. Com essa questão em mente, entendi que seria melhor alugar um quarto que atendesse essas necessidades e confortasse minha mente insegura, do que fazê-la se preocupar com todos esses fatores somados a todas as coisas que iria precisar para acampar.

Foi nesse momento que já tive o primeiro indício dessa divisão de área turística e área de moradores locais. Alugar um lugar, por menor e menos estruturado que fosse, no centro, era extremamente caro, um valor que excedia até mesmo vários

hotéis de grandes cidades. Visto isso, busquei locais mais afastados, segui o movimento de me afastar do centro e buscar a periferia, o mesmo que os nativos tiveram que seguir e pelo mesmo motivo: preço.

Achei um conjunto de quartos em uma área um pouco afastada, mais ou menos a dois quilômetros da rua que corta o centro e acabei escolhendo ali mesmo. Era um quartinho pequeno, uma cama de casal, que se mostrou muito útil para as ferramentas de pesquisa pela falta de uma mesa, um banheiro com uma porta sanfonada e um armário pequeno com alguns utilitários. Nada exuberante, mas imaginei que iria suprir as necessidades que tinha pensado e me proporcionaria um conforto para descansar nas noites que ficaria.

E assim eu fui, levei todo o equipamento que planejei, travesseiro, mala para os nove dias e a vontade de pesquisar o tema que pensei com tanto carinho. Saí de Uberlândia de ônibus em direção a Brasília, onde esperei o horário mais próximo que me levaria a Alto Paraíso. Naquela época, havia três horários de ônibus que faziam esse trajeto.

Chegando lá, me deparei com a primeira questão que me mostrou a necessidade de o turista ir de carro: não haviam meios para chegar no meu local de hospedagem, nem linha de ônibus que saia da rodoviária, nem táxis, quem dirá um aplicativo que cobria a região com serviços semelhantes. Com o ânimo de começar, andei quase dois quilômetros com toda a bagagem pendurada pelo corpo. Seguia em frente com um sorriso no rosto, o celular com o mapa na mão e só parei quando cheguei no meu destino.

2.2. A busca por interlocutores

Estabelecido no local, fui explorar as redondezas. Como era a primeira vez que estava naquela região da cidade, senti a necessidade de entender onde eu estava e quem eram as pessoas que viviam por ali. Comecei a andar e logo que virei a rua, vi uma quadra de futebol a um quarteirão de distância, um mercado na frente dela e algumas lojas ao lado dele. Passei também em frente ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), andando mais um pouco avistei uma padaria um pouco

mais distante e uma outra que fugia de vista. Passei por algumas pessoas, cumprimentei as que estavam perto e só troquei olhares com as mais distantes.

Naquele momento, entendi que diferente de quando andava pelo centro, ali eu era um completo estranho. Claro que alguns turistas ficavam por ali, inclusive meus vizinhos de quarto, mas não me pareceu que eles andavam a pé, muito menos que frequentavam aquela área, e mesmo que outros o fizessem, os olhares para mim como turista não eram os mesmos que recebia andando pelo centro. Como diria Becker (1963), eu era um outsider, não fazia parte de nada relacionado ao local, mas estava tão extasiado com tudo que segui sem sentir julgamento algum.

Com essa primeira impressão do meu entorno, tracei planos na cabeça para encontrar pessoas que se encaixariam no perfil que eu buscava; a ideia era começar por ali, distante do local que vivia lotado de turistas e comércio pensados para eles. Inocentemente, pensei em andar pelas ruas e tentar conhecer alguém, que conhecia alguém, que me levaria a alguém e assim eu iria formando uma rede de relações com os moradores do local simples e rápido assim.

O que acabei aprendendo bem rápido, é que relações demandam confiança, e essa, demanda tempo. Não era tão fácil me aproximar das pessoas ao ponto de entrar em suas casas, fazer parte da rotina do dia, gerar o interesse na pessoa em me ajudar a realizar minha pesquisa. E isso era algo que eu queria, eu tinha interesse, eu tinha ido para fazer. Relação é construção, tem que existir uma mão dupla de interesses, e esse tanto de “eu” reflete o tanto que tudo era muito egoísta, só estava tendo interesse na rapidez do processo. Ninguém que eu conhecesse cumprimentando na rua me abriria essa porta da forma que eu queria, era necessário um contexto, uma ponte para isso acontecer.

Concebendo isso e pensando no tempo que eu tinha, alterei minha abordagem; fui procurar quem eu entendia que estava disposto a um mínimo relacionamento, as pessoas que atendiam alguém, da forma que fosse. Comecei pelo mercadinho que tinha avistado no começo, e me apresentei da mesma forma que me apresentei até a penúltima entrevista: “Bom dia/tarde, meu nome é Pedro, faço Ciências Sociais na Universidade Federal de Uberlândia e estou fazendo uma pesquisa sobre pessoas que moravam em cidades grandes e vieram morar aqui em Alto Paraíso.” Em resumo era isso, era a forma que juntava tudo que eu entendia como importante no momento,

era uma apresentação simples, mas que mostrava o que eu queria fazer, com quem eu queria fazer e quem eu era.

A atendente do mercadinho era uma “nativa”, mas chamou outra pessoa que conhecia mais os arredores. Me falaram para procurar nas lojas ao lado, duas que não me lembro ao certo, uma farmácia e uma loja de roupas. Falou também que no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) ali perto era um bom local devido ao fluxo de pessoas que passavam por lá. Passei nas lojas e só encontrei nativos; a loja de roupas e o CRAS estavam fechados, e com isso acabei seguindo rumo ao centro. Andei meus dois quilômetros, que seriam incorporados à rotina no mínimo duas vezes no dia, e cheguei pela parte de cima na rua principal. Parando pra pensar, nessa caminhada de ida e volta eu só passei por casas; sinto que várias delas tinham pessoas que poderiam ter feito parte da minha pesquisa, mas como já disse acima, a relação inicial, sem algo para abri-la, é dificilmente estabelecida.

Meu primeiro ponto de interesse traçado no meu planejamento era o Centro de Atendimento ao Turista (CAT), pensei em pegar informações sobre a cidade, um mapa para ilustrar, escrever possíveis destinos e quem sabe um primeiro contato que me levaria a alguém com o perfil que eu queria entrevistar. Me deparei com uma falta de tudo que almejava, não tinha mapa nem informações da cidade, me falaram para ir na prefeitura procurar por lá. Já saindo do local, lembrei da parte mais importante, voltei e me apresentei como pesquisador e torci pelo interesse da mulher que me atendeu em ajudar. Me lembro como foi gratificante esse momento. Ela me apontou dois homens conversando na porta do CAT; me apresentei para eles e o que era poucos anos mais velho que eu, imediatamente se mostrou pronto a me atender. Foi a primeira gota de alívio da semana; ele queria fazer a entrevista ali mesmo, num banquinho que cabia nós dois e nada mais.

Seu nome era Felipe, 34 anos, acredito que por ter feito faculdade de biomedicina e ter feito parte do meio acadêmico por um tempo, ele entendeu rápido os meus motivos para estar ali, se prontificando a contar sua história com poucas perguntas. Falei que ele era o primeiro, mas não falei do meu nervosismo, do medo de fazer errado algo errado, de deixa-lo desconfortável ou coisas assim. Me contou então que saiu do Rio de Janeiro dois anos e foi para outros lugares; acabou chegando em Alto Paraíso com um amigo que conheceu nessa trajetória fora do Rio. Disse que se sentia muito deslocado na rotina que a cidade demandava. Agora ele é guia

turístico; tinha acabado de completar o curso e já estava trabalhando há alguns poucos dias.

A conversa foi ótima; fui perdendo a vergonha, me desligando da necessidade de um roteiro, e no final já estávamos conversando como dois conhecidos quaisquer. O peso da entrevista fechada e direta se perdeu para nós dois. Vejo o tanto que isso foi importante para a continuação de tudo, afinal, eram só conversas sobre o tema que pensei, o intuito real era conhecer a vida da pessoa, pela ótica dela, da forma como ela queria contar. Não era uma entrevista que eu tinha que ser o centro, ser o pesquisador que faz perguntas forçadas procurando de respostas específicas; era um caminho individual onde eu era muito mais um ouvinte interessado do que um perguntador insaciável.

A partir dessa primeira experiência, adquiri confiança para continuar. Como já não havia mais vergonha, me aventurei em todos os locais que podia do centro, passei em cada loja que estava aberta, e nada me abalou naquele momento; a vontade de continuar era mais forte. Segui até chegar em uma loja onde a vendedora me falou de sua tia, que trabalhava em um bar do outro lado da rua, e tinha a trajetória que falei estar buscando. Fui até lá e me apresentei para ela; com a falta de movimento e um horário que precedia o almoço, fizemos a entrevista ali mesmo, sentados na mesa que ela havia acabado de limpar e estava de frente para a rua principal.

Karina já tinha uma idade próxima a dos meus pais, 47 anos; sua mãe mora em Alto Paraíso e ela conheceu a cidade visitando-a algumas vezes. Em um momento de sua vida resolveu sair de Curitiba sozinha, onde dava aulas de inglês e foi para Alto Paraíso onde hoje trabalha como gerente nesse restaurante onde a entrevistei.

Pelo seu olhar e fala, entendi que Karina não sabia muito bem o porque a vida dela era importante para minha pesquisa, muito menos para mim, como também observou a pesquisadora Antoinette Errante (2000) em seu trabalho de campo. Mesmo assim, minha interlocutora foi muito disposta, e como eu tinha acabado de sair da entrevista anterior, consegui ir conversando aos poucos e começando por pontos confortáveis de se falar. Perguntei de onde veio, como foi, e sobre a família que ela mesmo havia citado.

E este foi outro aprendizado, o quanto criar um ambiente confortável torna possível prosseguir para espectros da vida pessoal que nem todos falam tão

facilmente. Se sentir acolhido e confortável para falar não é tão simples, mas uma vez que acontece, a conversa muda, o contador da história fala mais, não só responde perguntas, fala do que lembra e como lembra, sem medo de estar errado, entende, mesmo que inconscientemente, que é a própria vida que está narrando.

Acabei a conversa com a Karina empolgado. Ela tinha se mostrado tímida e não queria falar muito no começo, mas ver que na nossa conversa pudemos criar esse conforto para ela fluir foi essencial. Deu confiança para seguir em frente e para me ver como um pesquisador melhor do que imaginava; colocar em prática as coisas que li e vi era inexplicável, só pensava em continuar. Caminhei por mais algumas lojas, da mesma forma, me apresentava, não achava pessoas no perfil que entrei buscando, mas saía com um sorriso de empolgação, até o momento que achei uma moça, que sinceramente não me lembro o nome. Combinamos de conversar em algum momento, mas só voltei a vê-la de relance muito tempo depois no final da minha estadia. Apesar disso, era mais uma pessoa que tinha se mostrado aberta, e eu entendi que não tinha problema procurar e não achar, e que achar mesmo que não tenha dado continuidade já era muito bom.

Mais um aprendizado que tive como pesquisador, ou talvez um complemento do primeiro sobre o tempo, é que tudo tem seu tempo, e quanto menos você tem disponível, mais ele se mostra curto. Uma estadia de 9 dias, com um dia de chegada e um de partida, me restava apenas uma semana. Depois do primeiro dia sem ter achado uma pessoa sequer, ter feito duas entrevistas no mesmo tinha um significado muito grande.

Bem cedo no outro dia, voltei nas lojas ao lado do mercado, perto de onde eu estava hospedado; na que vendia roupas encontrei um homem chamado Luís, com seus 50 anos, sentado no centro da loja com sua filha ao lado brincando. Me apresentei, perguntei se poderíamos conversar e ele concordou, mas preferia marcar outro horário, não entendi muito bem o porquê, mas também não questionei nada.

Segui então para o CRAS, me apresentei para a recepcionista e logo ela moveu todas as pessoas ao redor que trabalhavam lá a fim de saber quem se encaixava no que eu procurava. Rapidamente alguém sugeriu uma mulher que havia se mudado para Alto Paraíso há pouco tempo: Márcia, de 51 anos. Fui levado mais ao fundo do local até me encontrar com ela. Arrumaram uma sala para podermos conversar e lá

entramos; me apresentei novamente, mas agora diretamente a ela, e pelo olhar de dúvida achei melhor explicar um pouco mais do que eu estava buscando e o porquê do mesmo.

Expliquei que estava procurando pessoas que tinham se mudado para Alto Paraíso, tentando entender porque o fizeram, e exemplifiquei com alguns dos entrevistados até então. Prontamente ela disse ter ido por um motivo diferente, bem específico: foi atrás de trabalho na sua área e, após visitar seu irmão na cidade, havia conseguido uma vaga para trabalhar no CRAS como assistente social. Não perdi meu interesse pois ter saído de Brasília e ido para Alto Paraíso já a colocava dentro do universo de minha pesquisa, além de já ter em mente que, mesmo não parecendo, uma pessoa poderia me revelar coisas diferentes do pensado durante uma conversa mais longa. Eu sabia que o trabalho de campo é feito de escuta, de abertura, de disposição para aprender com os meus entrevistados e que cada pessoa pode trazer à tona uma história surpreendente ou fascinante, como destacou Paulilo (1999).

A conversa foi muito boa. Acostumada a atender pessoas diversas o dia todo, ela se mostrou muito receptiva a me entender e a falar da decisão que tinha tomado há pouco mais de um ano. Pela primeira vez, me deparei com alguém que não tinha exatamente escolhido estar ali na cidade, ela tinha escolhido estar na profissão e foi ali que achou seu lugar. Talvez por isso ela estava aberta a conversar sobre; me contou de como estava se sentindo e falou que a área turística não era para ela; se identificava mais com os nativos que eram como quaisquer outros nativos de cidades do interior.

Interpretei a fala dela como uma libertação; presumi que ela não falava constantemente sobre não se sentir encaixando ali, era deslocada do clima turístico da cidade e gostava mesmo era de atender pessoas sendo assistente social, não de cachoeiras, natureza e se relacionar com turistas. Abrindo esse tema, ela achou aonde falar aquilo que não falava; já estava cansada de perguntarem o quão bonito a cidade era, ou o quanto ela gostava do misticismo local, essas impressões de quem vai na cidade a turismo. Era um espaço para falar da mudança que ela fez pela ótica dela, podendo falar bem, falar mal, ou só mesmo falar das impressões que teve inicialmente e que continuava tendo.

Retornei na loja de roupas para falar com o Luís no horário marcado, ao invés da única filha brincando perto do pai, agora havia duas filhas e a esposa por ali como ouvintes da nossa conversa. Começamos a falar, ele era muito desenvolto, falava muito com poucas perguntas, mas algo me chamou muita atenção em toda essa forma como ele descrevia a própria trajetória: pela primeira vez eu senti que ele não estava muito acostumado a contar aquela história, mas ele via sua trajetória com olhos muito bons e estava tentando passar aquilo para mim, e depois entendi que para a própria família também.

Suas decisões de vida englobavam aqueles ouvintes que estavam ali. Apesar de ter saído do Rio de Janeiro sozinho, ao conhecer sua esposa no Tocantins, decidiram se mudar para Alto Paraíso. Aquela história era, além de uma entrevista pra mim, uma justificativa de seus atos para sua família, uma reafirmação por assim dizer. Ele até mesmo citou uma possível nova mudança por causa de sua filha que irá acabar o Ensino Médio e pensa em fazer faculdade.

Nesse momento eu entendi que talvez nem havia algum motivo que para ele ter rejeitado a primeira conversa e marcado um horário para depois, mas notei que tudo que ele falava era muito bem pensado, não era algo que ele estava lembrando e falando no mesmo momento, é como se ele já tivesse feito esse processo de preparo da história anteriormente, talvez tivesse narrado-a outras vezes, e agora estava reelaborando-a novamente em voz alta, diante da família. Compreendi então que há várias formas de se contar a própria história.

Suely Kofes considera que as “estórias de vida” são:

1º) [...] relatos motivados pelo pesquisador, implicando sua presença como ouvinte e interlocutor; 2º) [...] um material restrito à situação de entrevista; [...] 3º) daquela parcela da vida do sujeito que diz respeito ao tema da pesquisa, sem esgotar as várias facetas de uma biografia. (KOFES, 2007, p.118)

No caso de Luís, eu era apenas um dos ouvintes de sua história. Ele falava das próprias lembranças da forma como gostaria que quem estava ali entendesse suas escolhas. Luís estava dando forma e conteúdo à sua narrativa na medida em que interpretava suas próprias experiências (Paulilo, 1999). Ele escolheu contá-la dessa forma e aproveitou o momento para contar para toda a família, afinal, a própria trajetória de vida e as escolhas que fazemos não é algo que contamos sempre, nem para a família que convivemos o dia todo.

Me peguei refletindo agora, enquanto escrevo, naquele momento que estava indo atrás dessas pessoas e pedindo para que me contassem sua trajetória. Fui muito inocente quanto ao conteúdo das entrevistas. Não é que me faltava enxergar a importância ou a dificuldade de relatar seu próprio caminho de vida, mas faltava o entendimento de como poderia ser difícil para meu interlocutor falar aquelas palavras para alguém que havia acabado de conhecer. No entanto, é razoável pensar que foi exatamente por isso que consegui conversas tão claras e fluidas como as que tive; a inocência do novo pesquisador trouxe consigo o interesse em cada palavra e a falta de julgamento em todas elas, fazendo assim o conforto entre nós presente sem um esforço observável. Como escreveu Errante:

Ser jovem e estúpido pode ser uma boa coisa. Você perguntará o tipo de questões óbvias que você não será capaz de conjecturar quando você se familiarizar com o terreno; os narradores não irão hesitar em esclarecer a sua estupidez e também, neste processo, vão revelar a sua compreensão de eventos e experiências importantes sobre os quais você não teria pensado em perguntar (Errante, 2000, p. 16).

Com as duas entrevistas feitas, resolvi voltar a procurar informações sobre Alto Paraíso. Por indicação da recepcionista do CAT, fui até a prefeitura. Chegando lá, dois homens me atenderam e falaram para procurar os dados no IBGE, pois ali eu não iria encontrar informações atualizadas. Quando estava saindo, um dos homens me chamou de volta e me informou que na câmara de vereadores eu poderia encontrar algo. Agradei mais uma vez e saí com um novo destino.

A realidade que encontrei como pesquisador naquele momento era esta: não era fácil achar pessoas que se encaixavam no perfil que eu queria, que estivessem dispostas a participar da pesquisa, e que eu escutaria vários “não” no processo – mas disso eu já sabia desde que comecei. O que fez toda a diferença foi perceber que apesar de ter forças próprias para continuar indo atrás, bastava um fio de informação que me fazia seguir para aumentar a esperança e a vontade dentro de mim.

No caminho em direção à Câmara, passei pelo centro e aproveitei para procurar mais pessoas por ali. Perguntei em alguns restaurantes, mas sem sucesso; continuei até as últimas lojas da rua onde avistei uma mulher sentada na porta de uma delas. Caminhei até seu lado e me apresentei; ela demonstrou interesse em participar e começamos a entrevista de imediato.

Minha próxima interlocutora foi Marananda, aproximadamente 60 anos, trabalhava em uma loja de roupas. Em uma conversa rápida me contou que tinha vindo de Goiânia e chegado ali há 30 anos. Foi ao Parque Nacional conhecer como turista e se apaixonou pelo local; já estava no fim da faculdade de educação artística e assim que se formou se mudou para lá. Dentre idas e vindas, e até mesmo tentativas de se mudar de lá, foi a pessoa que mais demonstrou amor pela cidade e o estilo de vida que levava. Pela forma como falava, entendi que era algo muito natural para ela conversar sobre essa mudança para Alto Paraíso, talvez pelo tempo que já estava ali e pela quantidade de turistas para os quais ela tinha contado a mesma história.

Naquela hora até me pareceu que Marananda estava querendo que a nossa conversa acabasse rápido ou que eu fosse embora logo. Mas quando fui analisar a entrevista mais tarde, entendi que era exatamente o contrário, toda a sua fala era muito límpida, as memórias muito bem construídas e não havia momentos de pausa para lembrar de acontecimentos. Foi quando eu percebi o que era uma memória solidificada na cabeça do narrador de uma história (Pollak, 1992). Saí de lá feliz por ter conseguido mais uma entrevista, mas pela curta duração ainda estava querendo escutar mais, por mais tempo, não me bastavam vinte minutos para aquele dia, a vontade era de ouvir mais histórias.

Imbuído nessa ânsia de continuar, segui para a Câmara na esperança de achar alguma informação. Ao chegar lá conversei com duas recepcionistas, me apresentei e elas se mostraram muito dispostas a me ajudar. Uma delas saiu andando por todo o lugar procurando alguém que estivesse por lá. Infelizmente estava quase tudo vazio, mas tinha uma pessoa que transformava o vazio em quase, e este era o secretário de administração de finanças chamado Kaleb, com seus 65 anos de vida.

Fui levado até ele e começamos a conversar. Cheguei com o intuito de conseguir informações sobre a cidade, mas ao me apresentar me deparei com alguém que tinha o perfil que eu procurava. Kaleb tinha saído de Porto Alegre e se mudado para Alto Paraíso há 20 anos. Fiquei muito feliz por mais um achado que eu não esperava. A princípio ele não entendeu muito bem no que podia contribuir, assim como a Karina, mas com pouca explicação e possivelmente vendo a minha expressão de interesse, ele manifestou vontade de participar.

Ao longo de nossa conversa, o homem mais velho que alegou no começo não querer falar de sua vida “sem graça” e de suas opiniões “sem valor”, se mostrou com uma trajetória que se encaixava no que eu buscava e com um olhar sobre a cidade que ninguém até então havia demonstrado – o olhar de quem estava em contato direto com o poder político de Alto Paraíso. No decorrer da entrevista, emergiram várias opiniões novas. Esse lugar de fala era muito diferente dos meus interlocutores anteriores. Ele falou sobre infraestrutura, sobre a realidade dos moradores e sobre o turismo local, além de abordar sua percepção anterior à sua ida para Alto Paraíso e a realidade que ele encontrou quando se mudou de fato para a cidade.

Constatei, então, que eu tinha sido levado até ali atrás de uma coisa e achado outra completamente diferente, mas por estar aberto o suficiente conseguir conversar com alguém que não teria procurado a princípio, encontrei uma contribuição excelente para minha pesquisa. Para meu aprimoramento como pesquisador e para a minha pesquisa, foi crucial ter essa interlocução com ele e saber entender como isso poderia me abrir novos caminhos.

No penúltimo dia de minha estadia, me restando pouco tempo na cidade, fui atrás da única pessoa que eu estava querendo entrevistar desde que pensei no meu tema de pesquisa, o dono de um camping que eu havia ficado com alguns amigos aproximadamente um ano antes. Tive dificuldades para achar o local, que havia mudado de endereço desde então, mas encontrei.

Entrei e logo fui recebido por uma mulher super simpática que me contou sobre a ausência do dono, mas disse que eu poderia esperá-lo sentado em uma mesinha de plástico logo na frente da casa. Pouco tempo se passou e ele chegou; se apresentou como Zander e sentou ali comigo. Ele se mostrou tão disponível e inclinado a falar que me fez lembrar o porque falar com ele estava tão marcado na minha memória. Se ele fez parte da minha escolha de tema, com certeza não foi só por ter saído de São Paulo, mas principalmente pela forma como ele gostava de conversar e me deixava confortável em ser ouvinte.

Conversamos por mais de uma hora, onde ele me contou sua trajetória inteira, sobre São Paulo e seu antigo emprego, o camping velho e o novo, sobre como estava se sentindo em relação a essa mudança, opiniões em relação a Alto Paraíso em geral.

Fomos conversando até acabar as perguntas que eu tinha pensado para a pesquisa. Desliguei meu gravador e continuamos a conversar sobre a vida.

Em meio a cafés que compartilhamos e um cigarro de palha que ele fumava, me dei conta de que era aquele tipo de conversa que eu estava buscando quando pensei em fazer minha pesquisa; não que as outras conversas tivessem sido menos proveitosas ou que faltava conteúdo, mas era diferente. Quando fui embora passei todos os três quilômetros até meu quatinho alugado pensando nisso. Por que eu tinha saído de lá com uma impressão tão boa sobre a conversa? Foi a duração maior? A disposição do Zander? Meu prévio conhecimento dele e conseqüentemente uma maior facilidade?

Não cheguei à conclusão alguma com essas perguntas, até que me dei conta de algo muito básico, aquela mesa era no quintal da casa dele, quantas vezes ele já havia estado naquele lugar falando sobre sua vida, tomando um café e conversando com outrem? Entendi então que existia um conforto que eu não tinha como proporcionar para nenhum entrevistado por mais que eu tentasse. Quando ele me deixou entrar na sua casa e compartilhou um café comigo foi um ato simbólico muito significativo. Ele havia me deixado entrar na sua intimidade; eu não tive que proporcionar conforto algum, quem estava sendo confortado era eu, o visitante.

3. DA CIDADE GRANDE PARA ALTO PARAÍSO DE GOIÁS

No movimento de êxodo rural que aconteceu com a revolução industrial na Europa, a população de áreas interioranas teve que procurar na área urbana oportunidades de emprego ou alguma maneira de sobreviver financeiramente. O trabalho agrícola havia sido mecanizado e por consequência retirou a necessidade de tantos trabalhadores rurais no campo, mas, ao mesmo tempo, as cidades abriram fábricas que demandaram mão de obra humana para operá-las, gerando esse fluxo compulsório de migração da área rural para a urbana.

No Brasil, que viveu um processo de industrialização tardia, o êxodo rural se intensificou a partir da década de 1930, o que gerou um crescimento das cidades, em especial na região Sudeste, com destaque para o eixo Rio – São Paulo. Entre 1950 e 1960, a taxa de crescimento das áreas urbanas chegou a 5,3% ao ano (Matos, 2012). Em 1970, foi feito um esforço maior em criar e difundir as tecnologias agropecuárias pelo país, intensificando ainda mais a expulsão de população da área rural. Entre essas duas décadas, quase 30 milhões de pessoas deixaram o campo e foram rumo às cidades (Mueller e Martine, 1997). Com o crescimento das cidades, emergiram as configurações metropolitanas.

Como mostra a literatura sobre migração e mobilidade,

Os movimentos migratórios internos no Brasil, dos últimos 60 anos, estão fortemente relacionados aos processos de urbanização e de redistribuição espacial da população, marcados pela intensa mobilidade populacional, e inseridos nas distintas etapas econômicas, sociais e políticas experimentadas pelo país ao longo desse período. (BAENINGER, 2012, p.78)

As pessoas com quem conversei se deslocaram de centros urbanos com destino ao interior. Elas foram buscando um modo de vida de uma cidade pequena, e fugindo dos problemas das grandes cidades. Não plantam, nem colhem e não cuidam de animais, não possuem um modo de vida rural propriamente dito. Meus interlocutores passaram a se inserir na rotina da cidade de Alto Paraíso, uma cidade pequena, com vocação turística, e podem ser incluídas nas estatísticas da redistribuição espacial de população em direção ao interior. Como afirma Ralfo Matos a partir dos dados dos últimos censos do IBGE, pode-se dizer que há “um processo

de revalorização da opção de vida fora das grandes metrópoles” (Matos, 2012, p. 19), e um conseqüente crescimento das médias e pequenas cidades.

Quando fui para Alto Paraíso, pretendia conversar com pessoas que tiveram projetos de vida semelhantes, sair de uma grande cidade e se mudar para a chapada. Estava procurando pessoas com um perfil específico, mas dentro desse perfil acabei encontrando diversas personalidades muito distintas. Apesar das diferenças, venho neste capítulo aglomerar as informações coletadas e traçar perfis e trajetórias de vida que englobam da melhor forma meus interlocutores.

Utilizei-me dos escritos de Gilberto Velho sobre projeto e campos de possibilidade a fim de auxiliar no estudo de trajetórias e biografias, entendendo projeto como uma conduta organizada que busca atingir finalidades específicas e campo de possibilidades como uma dimensão sociocultural e espaço que possibilita a formação e implementação de projetos (Velho, 2003, p, 40).

Analisei pontos em comum nas trajetórias apresentadas, motivações para a mudança, memórias da vida na cidade que viviam anteriormente e relatos de como estão vivendo agora em Alto Paraíso. Adianto que são elementos que se entrelaçam e compõem a trajetória individual nesse movimento de migração e transição da vida de cidade grande para cidade pequena.

Me pautei primeiramente nas memórias que meus interlocutores tinham sobre esse processo inicial, suas vidas no local que moravam anteriormente, os motivos que os levaram a ir para Alto Paraíso e como foi essa mudança. Busquei então essas construções da memória sobre a trajetória de cada um a fim de combinar as visões individuais em um perfil coletivo.

Encontrei pessoas que saíram do Rio de Janeiro, Curitiba, Goiânia, Porto Alegre, São Paulo e Brasília, sendo que todas elas estão hoje em Alto Paraíso. Algumas que em seu projeto de vida tinham a cidade como seu destino final, conheceram por meio de amigos ou familiares e decidiram se mudar. Outras, tinham como objetivo inicial sair de suas cidades, não com o foco específico na chapada, mas no meio do caminho, se depararam com o lugar e decidiram ficar.

Todos os meus interlocutores me narraram a mesma visão sobre Alto Paraíso antes de morarem na cidade, a mesma que contei no capítulo anterior como sendo a

ótica do turista: pensavam na natureza, nas diversas cachoeiras da região e na calma da cidade pequena. Oriundos de grandes cidades, meus entrevistados traziam consigo estilos de vida muito diferentes do que se encontrava por ali, com oportunidades e rotinas distintas.

É importante ressaltar a condição que tornou possível esse primeiro pensamento sobre sair da cidade grande: todos possuíam uma realidade que expandia o campo de possibilidades ao ponto de os permitir ter essa decisão em seus projetos como algo palpável dentro de seus contextos. A maioria deles empregados, recebendo salários fixos, trabalhavam e conseguiam se sustentar tranquilamente com seus ganhos ou com o apoio de familiares, podendo considerar como uma condição financeira favorável para essa transição de modos de vida. Como escreveu Ralfo Matos, “em circunstâncias de redução de pobreza, muitas famílias e indivíduos podem usufruir da liberdade de procurar fixar residência fora de grandes centros urbanos poluídos, violentos” (Matos, 2012, p.19).

Além disso, a maioria dos meus interlocutores tinha vínculos familiares frouxos, que não demandavam suas presenças; os que têm filhos relataram serem maiores de idade, independentes e trabalhando. Não existia algo que os prendia à cidade grande, sendo possível colocarem em prática seus projetos irem sozinhos para Alto Paraíso.

Felipe, o rapaz de 34 anos que encontrei na porta do CAT, disse que trabalhava para viajar, procurava destinos sempre diferentes para sair da lógica rotineira do Rio de Janeiro. Seu projeto de vida estava baseado em encontrar um lugar fora da cidade grande para morar, nas palavras dele, muito interessado em permacultura, agroflorestas, trilhas e natureza. Encontrou então em Alto Paraíso aquilo que buscava inicialmente.

O primeiro contato com a cidade se mostrou bem parecido entre os entrevistados; conheceram Alto Paraíso através de pessoas que já conheciam a chapada, ou até mesmo já moravam no local. Por não buscarem prioritariamente por oportunidades de emprego, mas sim outro estilo de vida que imaginavam que a cidade traria, contaram com familiares e amigos que já moravam na cidade ou que traçaram o mesmo caminho, como um apoio para suas mudanças, o que reforça a importância das redes nos processos migratórios.

Márcia foi a única entrevistada que disse ter ido para a cidade procurando um trabalho específico. Formada em serviço social, mas sem atuar na área, viu em Alto Paraíso a oportunidade de exercer o trabalho que sempre sonhou. No momento da entrevista, contava com o apoio do irmão que já residia na cidade, tendo a possibilidade de trocar seu trabalho anterior com um salário maior, por um que atende seus interesses pessoais, além do financeiro.

Esse é um dos pontos principais que observei. Ao me contarem de suas condições prévias à mudança para a chapada, observei que ninguém me falou sobre dificuldades financeiras, medo ou insegurança de se mudarem para uma nova cidade com outro estilo de vida. Como disse anteriormente, meus interlocutores tinham em seus campos de possibilidades condições de colocar em seus projetos de vida a busca por um estilo de vida diferente, guiados predominantemente por uma vontade de sair da cidade grande, e não por alguma necessidade econômica. Nesse caso, podemos considerar os problemas característicos das grandes metrópoles como um fator de expulsão da grande maioria dos meus interlocutores, como veremos a seguir.

3.1 Motivações

Como citei acima, existe um plano de fundo que permitiu essa mudança para Alto Paraíso, pessoas que tinham empregos em suas cidades, faziam parte de uma classe social privilegiada o suficiente para permitir um movimento que não é muito comum. Seja sendo professora de inglês como a Karina, operador de áudio como o Caleb, ou até mesmo empregos diversos como o Felipe, a questão em comum foi que a falta de oportunidade de trabalho não era um problema para eles.

Nas grandes cidades, trabalhavam em uma rotina parecida, acordavam cedo, utilizavam algum tipo de transporte e enfrentavam trânsito para chegar ao local de trabalho, permaneciam nele por aproximadamente oito horas, pegavam outro transporte e chegavam em casa com o dia já acabando. Me descreveram como uma rotina normal de um centro urbano, mas junto com essas descrições estavam presentes reclamações sobre como o trânsito consumia tempo demais, o trabalho não parecia compensar pelo tempo que demandava, era tudo muito estressante, ou que simplesmente não estavam satisfeitos fazendo o que faziam. Como disse Caleb: “já

tava cansado, estressado, sobrecarregado, com saudades do tempo que morava no interior.”

Essas reclamações mostram como apesar de receberem um salário satisfatório, dito por eles mesmos, e conseqüentemente terem uma vida financeira estável, não era o suficiente para gerar um estilo de vida capaz de suprir as necessidades que encontraram ao longo do tempo. Felipe me contou que mudou de emprego várias vezes no Rio de Janeiro, trabalhava de tudo que conseguia, juntava algum dinheiro para viajar e saía do trabalho. Fez esse ciclo diversas vezes, e na nossa conversa fez questão de ressaltar que seu único objetivo ao trabalhar era conseguir dinheiro para viajar e estar em contato com outros lugares longe da cidade.

No rio eu tava bem sufocado com tantas informações, a carga energética da cidade, as pessoas muito difíceis. Trabalhava e me demitia pra viajar, dar uma espairecida, nunca me encontrava em um lugar. (Entrevista realizada em 08/08/2019)

Conversando sobre a rotina de trabalho que tinham, o aspecto do transporte na cidade foi abordado pela maioria dos entrevistados. Na realidade, o trânsito era o foco final dos comentários nesse viés, era uma coisa que visivelmente os incomodava. Gastavam tempo demais em seus trajetos, transformando uma jornada de oito horas em aproximadamente dez. A única entrevistada que não me apresentou isso foi a Karina, mas se justificou ao falar que morava perto do trabalho justamente para não passar por esse estresse.

Me apontaram também o problema da segurança encontrado nessas grandes cidades; a violência os afastou pelo seu crescimento contínuo. Felipe relatou que teve diversas bicicletas furtadas e Luís se mudou do Rio após ter todos seus equipamentos de som roubados. Principalmente esses dois, que vieram do Rio de Janeiro, evidenciaram uma realidade muito violenta, repleta de assaltos, roubos, furtos e tiroteios, como algo rotineiro. Deixaram explícito que fazia mal para eles viver em um ambiente assim, o medo presente constantemente e o desconforto que era trazido com ele causava estresse o tempo todo.

Caleb e Zander mencionaram que com seus quarenta e poucos anos, já não aguentavam mais a rotina proposta pela cidade grande, a correria e o estresse já pesavam negativamente mais do que outros aspectos que os faziam ficar por lá.

Resolveram então se mudar para Alto Paraíso, ambos procurando uma melhora em seus estilos de vida, fugindo do que já conheciam e não queriam perdurar.

Todavia, também me relataram lados positivos sobre a cidade grande, como a variedade de lojas que dão acesso a diversos tipos de produtos, os shoppings, teatros e cinemas que vários entrevistados citaram dizendo que gostavam de frequentar. Além disso, o acesso à educação que abrange o ensino superior, ou até mesmo a lugares que proporcionavam lazeres diferentes dos encontrados em uma cidade pequena foram mencionados. Ainda assim, a maioria dos entrevistados contou que consegue suprir essas vontades indo à Brasília às vezes e voltam para Alto Paraíso bem rápido.

Em geral, a rotina que tinham na cidade de origem que me foi apresentada era de horários corridos, pouco tempo disponível para a família, amigos e até mesmo para si. Além de medo gerado pela violência e estresse formado pelo conjunto de fatores. Declararam que enxergam hoje sua vida em Alto Paraíso repleta de elementos que formam um conjunto mais agradável, sem precisar conviver com todo o estresse os infligia anteriormente.

É também apropriado ressaltar que os entrevistados tiveram um caminho já construído por outrem ou alguém com quem construí-lo em Alto Paraíso, sendo esse um fator importante na análise dessa decisão de se mudar para lá. Seja um familiar ou amigo que já era residente, os entrevistados deixaram explícito que tiveram algum apoio logo ao se mudar para a cidade, sendo essa rede muito importante para se estabelecer em seu novo local.

Estes foram os fatores apresentados pelos meus interlocutores que precederam a mudança de uma metrópole para Alto Paraíso: insatisfação com a rotina da cidade grande e seus elementos, condição financeira para poder considerar sair de seus trabalhos, vínculos frouxos com as famílias, visão positiva de Alto Paraíso e rede de suporte confiável para se estabelecer na nova cidade. Foi esse conjunto de aspectos expostos por eles que viabilizaram essa mudança.

3.2 Como vivem hoje em Alto Paraíso

No momento da entrevista, a maioria dos meus entrevistados já estavam bem estabelecidos em Alto Paraíso. Construíram suas novas vidas e rotinas na cidade. As memórias que me relataram sobre o local foram sob os olhos de quem já mora na cidade e não mais de quem só tem a visão externa e turística.

Em suma, possuem rotinas de trabalho com duração semelhantes ou até mesmo mais longas do que as que tinham anteriormente, porém agora ela está inserida dentro de um contexto completamente diferente. O transporte até o local de trabalho se facilitou, vão e voltam a pé de suas casas até o trabalho. Felipe citou até seu gosto por se locomover de bicicleta e a segurança que existe de deixá-la em qualquer lugar sem medo de ser furtado.

Márcia me contou do seu gosto por cozinhar e fazer os afazeres de casa; agora sem o longo caminho até o trabalho consegue estar presente mais tempo em casa realizando tais coisas. Karina, que mora na rua de trás do trabalho, almoça em casa e seu horário de almoço agora possibilita até um cochilo para voltar a trabalhar de tarde descansada. Ambas se mostraram muito mais contentes com a nova rotina, apesar de também falarem que trabalham mais horas corridas do que antes, também entendem que a qualidade do ambiente de trabalho é muito maior.

Zander passa o dia no camping, aonde também reside. Ele relatou que ao invés de trabalhar quase oito horas como em São Paulo, agora passa o dia todo por conta de cuidar e gerenciar o camping. Embora o trabalho ocupe seu dia completamente, disse ser feliz fazendo aquilo que gosta. Limpa o terreno para os campistas, vai atrás de melhorias que quer fazer em sua estrutura, dentre diversas coisas que fazem parte do cuidado exercido por ele.

Quando entrei no assunto da moradia, os meus interlocutores me relataram que se surpreenderam com os elevados preços dos imóveis em Alto Paraíso. Exceto Zander, os demais alugam as casas que residem. Comparando os preços, o aluguel em Alto Paraíso se mostrava igual ou ainda mais caro do que os encontrados nas cidades grandes que residiam anteriormente. Apesar de ser uma cidade pequena, o fator turístico eleva os preços das moradias, uma vez que os mesmos locais aonde essas pessoas moram podem ser alugados para turistas que estão dispostos a pagar valores muito maiores do que quem mora ali.

Alguns escolheram lugares mais próximos ao trabalho e outros nem tanto, mas em todos os casos, a distância percorrida não excede muito um quilômetro. O problema do preço foi relatado por todos, mas, mesmo assim, os entrevistados fizeram questão de levar em conta a economia de tempo gasto em transporte e o fator turístico da cidade. Eles ponderaram sobre as particularidades da cidade em que estão inseridos e os custos que isso acarreta no dia a dia.

Se antes trabalhavam dando aula como Karina, sendo garçom como Felipe ou mecânico como Zander, agora meus interlocutores trabalham em cargos diferentes dos ocupados anteriormente nas grandes cidades. Seja atendendo turistas ou os moradores da cidade, lidam com pessoas e se relacionam com elas por mais tempo, exercem o trabalho em locais mais agradáveis e moram próximos aos mesmos.

Eles ressaltam ainda que têm um estilo de vida muito diferente do das grandes cidades. Sinalizaram que, vivendo dessa forma, agora estão mais realizados e felizes com seus estilos de vida. Como disse Zander:

Qualidade de vida eu acho que é isso, é você viver bem numa cidade que você gosta, que sabe você eu gosto muito hoje de mato de Beira de Rio, Natureza. Isso, eu busco entendeu. Até uma área linda que eu tenho aqui, que é uma delícia passear sim, então isso pra mim me dá muito prazer. Não é difícil eu levantar aí pra fazer passar o dia trabalhando, é gostoso. (Entrevista realizada em 10/08/2019)

No decorrer das conversas que tive, os meus interlocutores narraram ganhar menos dinheiro e gastar mais do que na cidade grande aonde haviam morado. Essa escolha se torna clara quando todos alegaram o quanto essa felicidade do novo modo de vida “pagava” por essa diferença de valores encontrada. Eles entenderam que estavam colocando, em seus projetos de vida, a felicidade na frente do dinheiro; a calma e a simplicidade da cidade pequena eram mais atraentes do que o luxo e os bens de consumo disponíveis na cidade grande, sempre acompanhados de um estresse diário. Como relatou Zander:

Trabalhava demais e assim, não entendia o porquê. Hoje eu fico perguntando por que que as pessoas trabalham tanto, corre tanto sabe. Me lembro que é uma vida complicada na cidade grande, eu não posso falar pelos outros, mas eu vejo que as pessoas se comparam muito. Querem ter a vida do outro, buscam uma coisa que eles nem mesmo sabem. (Entrevista realizada em 10/08/2019)

Zander continuou me contando que infartou aos quarenta e quatro anos, um ano após se mudar para Alto Paraíso. Conversando com os médicos que o atenderam em Brasília, o dono do camping entendeu que o motivo principal foi o acúmulo de estresse. Zander me narrou que entende o episódio como resultado de sua vida na cidade grande, de uma vida de muito trabalho e estresse. Ele considera hoje a cidade grande como local para jovens ganharem dinheiro aproveitando o mercado de trabalho e suas oportunidades. Mas sabe que também é necessário lidar com estresse para evitar ter problemas de saúde.

Agora, com cinquenta e cinco anos, ele diz que não voltaria por motivo algum para São Paulo, mesmo depois de ter um infarto e conhecer a falta de um hospital bem estruturado para atendê-lo em Alto Paraíso. Na ocasião, foi levado para Brasília de ambulância e se mostrou contente com o serviço prestado. Ainda que tivesse condições financeiras para morar em uma capital e não ter que lidar com o estresse do trabalho excessivo, não teria as vantagens que enxerga hoje morando na chapada.

Dos meus interlocutores, alguns tem uma idade mais avançada e se preocupam com a saúde e infraestrutura médica. O posto médico local dispõe de alguns médicos que oferecem consultas e atendimento para problemas mais básicos. Mas a proximidade de Brasília e a possibilidade de ser levado rapidamente por uma ambulância para lá contempla as necessidades que os moradores apresentam.

Ao narrarem a condição financeira que têm vivendo na chapada, meus entrevistados mostravam que o objetivo – assim como Zander apresentou – não é ganhar dinheiro demais, mas sim ter o suficiente para manter a vida que levam e desfrutar das coisas oferecidas pela cidade e seu entorno. O consumo deixou de ser prioridade como era antes, sendo levado hoje como algo restrito ao necessário para sobrevivência e bem-estar.

Evidentemente, eles ainda consomem artigos que desejam e usufruem de lazeres que demandam gastos, mas o abandono da necessidade do consumo desenfreado, que foi transformado em consumo para o bem-estar próprio, é notável.

Karina, que tinha por hobby pintar, não encontra mais as tintas na esquina da sua casa, mas encomenda de Brasília e pôde continuar pintando. Luís, por sua vez, quer mostrar as novidades urbanas para a filha e para isso frequenta a capital algumas vezes por mês para isso.

O contato com a cidade grande e suas facilidades e oportunidades de lazer ainda existem, mas não estão inseridos no cotidiano como antes. Meus interlocutores contam que agora têm uma vida de cidade pequena com a possibilidade de aproveitar as boas coisas da cidade grande sem os reveses trazidos com ela. Trabalham para isso e tem acesso, de certa forma, quando e ao que quiserem, desde que viagem aproximadamente duzentos e trinta quilômetros até Brasília, ou quatrocentos e vinte e cinco até Goiânia, que são as capitais mais próximas.

3.3 Inserção em Alto Paraíso

Fui apresentado ao modo de vida de meus interlocutores em Alto Paraíso. Diferentemente do que eu esperava, na maioria dos casos, eles disseram não frequentar cachoeiras e locais turísticos pela chapada. Somente Zander disse ir de carro às cachoeiras para espairecer a mente um pouco e Felipe por seu trabalho como guia turístico. O restante, tem vidas semelhantes à de qualquer outro interior, frequentam comércios e restaurantes locais, encontram pessoas para conversar e passam um bom tempo livre em suas próprias casas.

As relações sociais construídas por eles se pautam por relações de vizinhança, redes de amizades estabelecidas através das relações de trabalho ou em torno de práticas religiosas. Assim como na cidade grande, a construção de relações em cidades pequenas é pautada em confiança, mas por conviverem muito próximos, sempre estarem em contato e ter conhecimento da vida alheia – sem direito ao relativo anonimato característico das grandes cidades, mas também menos individualista –, no interior é mais fácil criar laços com pessoas fora do círculo social. Em minha conversa com Felipe, este aspecto foi ressaltado como uma vantagem em relação às cidades grandes:

Na cidade grande o individualismo predomina mais. A preocupação das pessoas em serem passadas pra trás, serem enganadas. Então as pessoas estão sempre com medo das coisas, isso vai sempre gerando um clima de tensão entre as pessoas, aí a relação entre elas fica mais complicada. Até a pessoa ganhar confiança e se abrir mais é mais difícil do que por aqui. (Entrevista realizada em 08/08/2019)

Ao pensar nessas relações da cidade e no fenômeno urbano, Otávio Guilherme Velho entende que, numa perspectiva sociológica, a cidade grande pode ser definida por uma população grande, densa e composta de indivíduos heterogêneos. O número alto de pessoas é fator gerador da variabilidade individual, ausência de conhecimento pessoal íntimo e segmentação de relações humanas. A densidade populacional implica em contatos físicos estreitos e relações sociais distantes, onde o controle social formal predomina. A heterogeneidade, escreve ele, produz maior mobilidade, instabilidade e insegurança, e uma variedade enorme de grupos sociais que possuem alta transição entre eles (Velho, 1967).

Quando perguntei sobre as relações sociais que meus interlocutores tinham nas cidades que moravam anteriormente, todos relataram sentir falta de suas respectivas famílias e amigos, tendo alguns tentado levar os mesmos para conhecer Alto Paraíso e os apresentar à cidade, mas sem sucesso. Acabaram então, por construir novas relações em Alto Paraíso.

Além das novas relações sociais, novos hábitos foram formados com elas. Karina me contou que passou a estudar religiões no seu tempo livre e tem um grupo de conversas com outros moradores que buscam o mesmo. Felipe, tentando conhecer as diferentes abordagens espirituais presentes na região, frequenta o Daime e o Xamanismo. Zander prefere ficar com sua esposa aproveitando a calma que tem em sua casa nos dias de camping vazio. Todos eles estão hoje dentro de um novo campo de possibilidades para suas interações pessoais, seus próprios hábitos e práticas, e com um conjunto de novas possibilidades de escolhas que terão de fazer daqui para frente.

Como já se sabe, não só de pontos positivos se vive na cidade de Alto Paraíso. Meus interlocutores lembraram também dos problemas ou ausências que encontraram ali se tornando moradores locais. Enquanto turistas, ou morando por pouco tempo no local, não é visível a verdadeira realidade da cidade. Como disse Caleb:

As coisas que se vê na rua principal do centro, uma coisa simpática e agradável, só se sustenta na fachada da cidade. Os pequenos comerciantes trabalham com dívidas, sustentados por quem tem traz dinheiro de fora. A população é carente, o mercado de trabalho é fraco e o município é pobre. (Entrevista realizada em 09/08/2019)

Apesar da chapada estar próxima a Brasília, as coisas que advêm de lá são caras e escassas. As reclamações sobre a infraestrutura que me relataram, foram, em sua maioria, voltadas para o público turístico, demonstrando que mesmo não trabalhando diretamente com o atendimento ao turista, eles entendem que a economia da cidade se mantém ao redor desse fator.

Falta de água até mesmo em supermercados, uma rede de energia que não suporta o uso abundante que acontece em períodos de feriados pela lotação da cidade e até mesmo a internet que cai com a alta demanda impossibilitando o pagamento por cartões nos estabelecimentos que atendem turistas. Caleb, ao me descrever esses problemas, mencionou a que falta verba para o poder público da cidade e que é necessário o apoio externo do governo estadual e federal. Infelizmente, esse apoio não ocorre frequentemente, transformando a cidade que ele entende ter um potencial turístico grande em uma cidade que não atende as necessidades que o turista apresenta.

Zander, que atende o turista diretamente, tenta encontrar modos para suprir essa necessidade dos campistas que ficam em seu camping. Ele já pensa em ter toda a estrutura básica dentro do seu terreno e pretende abrir uma cozinha com restaurante para atendê-los. Mas isso acaba sendo uma resolução individual, que busca atender as demandas de um local específico.

O problema da falta de infraestrutura para o turista impede o crescimento da cidade, diz Caleb. Como Alto Paraíso se encontra em uma área de proteção ambiental que não permite a criação de indústrias e empresas grandes para gerar empregos, ele entende que o crescimento do turismo sustentável é a única saída para o desenvolvimento de Alto Paraíso.

Eu acho que a saída pra Alto Paraíso. é investir naquilo que ela tem demonstrado vocação, que é o turismo e a sustentabilidade, mas sem romantismo, com a crueza e a concentração que requer um projeto de longo prazo. (Entrevista realizada em 09/08/2019)

E como ele mesmo citou, os problemas sociais da cidade existem e são muitos; o investimento e crescimento do turismo a fim de fomentar o comércio local ajudaria toda a população. As pessoas que entrevistei, apesar de não estarem dentro da câmara como o Caleb, têm visões parecidas. Elas mostram que os próprios moradores

têm essa vontade de desenvolvimento e crescimento da infraestrutura local. “A cidade não precisa crescer e virar uma metrópole, ela pode ser pequena, mas as coisas têm que funcionar bem”, me disseram.

Depois de contemplar os projetos, os campos de possibilidades prévios, e as impressões anteriores e atuais dos meus interlocutores, me restou a dúvida sobre a vontade dos mesmos em continuar morando em Alto Paraíso. Será que os pontos negativos que me foram apresentados fizeram as pessoas repensarem suas escolhas ao ponto de pensar em voltar para as grandes cidades aonde moravam? Sobre isso, Zander me respondeu:

Não voltaria de jeito nenhum, nem para morar. Mesmo que tivesse condições de morar bem em uma cidade grande, numa capital, não voltaria. Hoje eu vejo que os jovens vendem as terras no interior que eram dos pais, trabalham a vida toda, para quando mais velhos querem comprar uma terrinha no interior pra ir pro mato. É uma busca que às vezes eu fico pensando que as pessoas não sabem o que elas querem. (Entrevista realizada em 10/08/2019)

Luís deixou bem claro que, por ele, não voltaria para a vida urbana, mas com a filha chegando na idade de fazer uma faculdade e o medo de deixá-la ir sozinha para uma cidade grande, ele pensa em acompanhá-la com a família nesse caminho. Marananda já tentou voltar a morar em Goiânia com o marido algumas vezes, entretanto, sentiu falta da calma e da rotina da chapada e resolver voltar em todas elas.

Levar os amigos e família dos quais sentem falta para também morar em Alto Paraíso foi citado pela grande maioria dos entrevistados. A estratégia deles é mostrar que o projeto de vida que escolheram foi algo positivo em suas vidas, para então trazer as pessoas das quais sentem falta para o local aonde escolheram morar. Até o momento da pesquisa, não tinham obtido sucesso.

Sem pormenorizar, eles demonstraram uma grande vontade em permanecer na chapada, não enxergam o retorno às suas cidades anteriores como possíveis trajetórias para seus projetos de vida. Seja pela violência, pelo trânsito ou rotina estressante, eles não pensam voltar para a cidade grande para lá ficar.

Diferentemente do demonstrado ao falarem das cidades aonde moravam, quando apontaram problemas e viram em seu campo de possibilidades um meio de sair de lá, os novos moradores de Alto Paraíso me relataram uma ânsia por melhorar

o local aonde vivem agora. Querem mais infraestrutura, mais investimento público no turismo, transporte público local, preços mais baixos de alugueis e mercadorias vindas de centros urbanos.

4. CONCLUSÃO

Durante o processo de pesquisa, encontrei uma diversidade de personalidades e histórias de vida entre as pessoas que entrevistei. Apesar de ter ido conhecer o movimento de mudança de cidades grandes para Alto Paraíso pensando que teria uma relativa homogeneidade entre elas, descobri que mesmo com projetos de vida semelhantes, os meus interlocutores tinham características e histórias de vida distintas.

Inicialmente, pretendia buscar amostras de diferentes gerações com o objetivo de traçar um perfil que levasse esse fator em conta na hora da análise. Apesar de ter conseguido dialogar com pessoas que pertenciam a gerações distintas, por serem somente sete pessoas, não foi possível trabalhar com essa concepção na hora de pensar categorias geracionais.

Todavia, consegui traçar perfis gerais que me possibilitaram analisar os projetos de vida, campo de possibilidades e a vida atual na chapada das pessoas com quem conversei. Comecei por compreender o processo de entrevista, e espero ter conseguido traduzir minha evolução com esse trabalho. Desde encontrar pessoas dispostas a conversar, até analisar as suas falas no meu computador semanas depois, foi um processo de muita reflexão e aprendizado

Os entrevistados demonstraram uma motivação em comum, a vontade de mudar o modo de vida que tinham nas cidades grandes que moravam anteriormente. Juntamente com as vidas que levavam e o campo de possibilidades gerados por elas, fui capaz de absorver as vontades que os levaram a fazer essa mudança e os fatores que os impulsionaram para uma cidade como Alto Paraíso.

Meus interlocutores também relataram as diferentes visões que tinham sobre as duas realidades, da cidade grande e de Alto Paraíso. Alguns com mais enfoque em aspectos positivos e outros nos negativos.

Tentei deixar cada um expressar da maneira que preferia. Levei a seguinte frase de Antoinette Errante para o campo:

Eu estava interessada em como os narradores organizavam suas experiências e, por isso, eu lhes permitia falar tanto quanto quisessem sobre

algo que eles queriam lembrar, mesmo quando isso não parecia particularmente relevante para o meu estudo. (ERRANTE, 2000, p.149)

Com as informações recebidas, analisei os relatos buscando o meu inicial interesse na pesquisa, entender por que que essas pessoas tinham colocado essa mudança em seus projetos de vida e como se sentiam em relação a isso no momento que as entrevistei. Embora elas tenham dado diferentes enfoques ao narrarem suas trajetórias, havia muitas semelhanças nas motivações para a mudança para Alto Paraíso e nas avaliações que elas faziam da vida na cidade. Consegui absorver que todos estão contentes com sua vida atual – desde a Marananda que está lá há 30 anos, até o Felipe que completou o primeiro ano poucos meses antes da nossa conversa.

Além de estarem felizes morando em Alto Paraíso, ao longo da minha estadia e realização das entrevistas, todos me relataram que não voltariam para o modo de vida urbano das cidades grandes que tinham anteriormente. Interpretei então, que essa era a resposta que contemplava aquilo que procurei desde o início. O motivo da mudança, os processos ao longo do caminho e o resultado da mesma convergiam para um distanciamento do estilo de vida das grandes cidades e seus problemas, e a escolha por uma vida em uma cidade pequena, em um local turístico, com todas suas vantagens e desvantagens.

Sinto que concluo meu trabalho com as respostas que procurava. Somente esse fator já sacia a busca que comecei anos atrás. Simultaneamente, cresci enquanto pesquisador e antropólogo. Levo para minha vida os aprendizados e experiências que obtive, além da vontade de realizar mais trabalhos com o mesmo viés.

REFERÊNCIAS

ALTO Paraíso: o lugar perfeito para o turismo de reconexão. **Guia Alto Paraíso**. Disponível em: <<https://www.guiaaltoparaiso.com.br/post/alto-para%C3%Adso-o-lugar-perfeito-para-o-turismo-de-reconex%C3%A3o>>. Acesso em: 4 Dezembro 2020.

BAENINGER, Rosana et al. Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações internas no Brasil. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, 2012.

BARBOSA, Ana Aparecida; TRAMONTANO, M. Cidade e habitação em Minas nos séculos XVIII–XIX. **Disponível em www.nomads.usp.br, acesso em 4 de Dezembro de 2020**, v. 24, n. 03, 2004.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.

DE OLIVEIRA, Ricardo Costa. CONQUISTA E COLONIZAÇÃO DO BRASIL: ESPAÇO, NATUREZA E SOCIEDADES NA LONGA DURAÇÃO. **Revista de Sociologia e Política**, n. 01, p. 03-27, 1993.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem?: Histórias orais e modos de lembrar e contar. **História da educação**, v. 4, n. 8, p. 141-174, 2000.

FAZENDA Bona Espero. **Site do Esperanto Brasil**, 2011. Disponível em: <<https://www.esperanto.com.br/bona-espero>>. Acesso em: 1 Dezembro 2020.

FEITOSA, Eliana Aparecida Silva Santos. Identidade e cultura: estudo etnogeográfico da comunidade tradicional do MOINHO em Alto Paraíso de Goiás. 2017.

GEERTZ, Clifford; INTERPRETAÇÕES DAS CULTURAS, A. Por uma teoria interpretativa da cultura. **A interpretação das culturas**, 1998.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/alto-paraiso-de-goias/panorama>>. Acesso em: 1 Dezembro 2020.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/alto-paraiso-de-goias.html>>. Acesso em: 1 Dezembro 2020.

KOFES, Suely. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 117-141, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Editora Cosac Naify, 2015.

MAIA, Doralice Sátyro. A periferização e a fragmentação da cidade: loteamentos fechados, conjuntos habitacionais populares e loteamentos irregulares na cidade de Campina Grande-PB, Brasil. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona**, v. 14, n. 331, p. 80, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. Os Argonautas do Pacífico Ocidental. Introdução: objeto, método e alcance desta investigação. *Ethnologia*, 1997.

MATOS, Ralfo. Migração e urbanização no Brasil. **Revista Geografias**, p. 7-23, 2012.

MUELLER, Charles C.; MARTINE, George. Modernização da agropecuária, emprego agrícola e êxodo rural no Brasil-A década de 1980. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 17, n. 3, 1997.

PAULILO, Maria Angela Silveira. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço social em revista**, v. 2, n. 1, p. 135-145, 1999.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald; EVANS-PRITCHARD, Edward Evan; CAIXEIRO, Nathanael C. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Ed. Vozes, 1973.

Site do Município de Alto Paraíso de Goiás. Disponível em: <<https://www.altoparaiso.go.gov.br/>>. Acesso em: 1 Dezembro 2020.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Zahar, 1987.

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. **Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas**, p. 31-48, 1994.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2013.

VELHO, Otávio Guilherme. O fenômeno urbano. **Rio de Janeiro: Guanabara**, 1967.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.